



EDUCAÇÃO SEXUAL: POSSÍVEL?

**A perspectiva dos (as) estudantes
sobre a gravidez na adolescência**

Destinado a professores e professoras de Biologia

Produto desenvolvido no PROGRAMA NACIONAL de MESTRADO PROFISSIONAL EM BIOLOGIA da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF - Instituição Associada), campus Governador Valadares, e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG – Instituição sede), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Dissertação: “Educação sexual no ensino de biologia e prevenção da gravidez na adolescência: ouvindo estudantes e falando para professores e professoras”.

Mestranda: Laura Telles Medeiros

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gabriela Parenti Bicalho

FICHA TÉCNICA

Diagramação e design: Agência MB
Ilustrações: Geferson Cristiano dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Medeiros, Laura Telles

Educação sexual : possível? [livro eletrônico] : a perspectiva dos (as) estudantes sobre a gravidez na adolescência / Laura Telles Medeiros ; ilustração Geferson Cristiano dos Santos. -- 1. ed. -- Manhumirim, MG : Ed. da Autora, 2020.

PDF

ISBN 978-65-00-13741-5

1. Adolescente - Conduta de vida 2. Educação sexual para a juventude 3. Gravidez I. Santos, Geferson Cristiano dos. II. Título.

20-51649

CDD-306.7088055

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação sexual : Juventude : Aspectos sociais
306.7088055

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Dedico...

Ao meu filho Lucca, meu motivo para perseverar e lutar por dias melhores, à minha mãe Sônia, fonte infinita de amor e acolhimento e aos meus irmãos Diogo e Cássia, pelo apoio e incentivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.





O Adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,
Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas
esse medo fascinante e fremente de
curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente
farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.
Medo que ofusca: luz!
Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:
Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
— vestida apenas com o teu desejo!

Mário Quintana

SUMÁRIO

Apresentação	06
Introdução	09
Capítulo 1 – Adolescência e juventude: categorias plurais	13
Capítulo 2 - Educação abrangente	16
Capítulo 3 – Educação sexual dialógica	20
Capítulo 4 – Estruturação positiva da sexualidade	23
Capítulo 5 – Oficinas Educativas	26
Oficina 1 – Sexo e gênero	28
Oficina 2 – Coisa de homem e coisa de mulher	30
Oficina 3 – Palavras e seus significados	33
Oficina 4 – Corpo de homem e corpo de mulher	35
Oficina 5 – Namorar e ficar	37
Oficina 6 – Diferenças entre gerações	40
Oficina 7 – Ser mãe ou ser pai... Agora ou mais tarde?	42
Oficina 8 – Cuidar e ser cuidado	44
Oficina 9 – Cuidar da vida	46
Oficina 10 – Identidade sexual e orientação do desejo	48
Oficina 11 – Métodos contraceptivos	51
Oficina 12 – Passe para frente o que você sabe	53
Oficina 13 – Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis	55
Capítulo 6 – A temática não se esgota por aqui...	58
Considerações finais - Educação Sexual: Possível?	67
Referências Bibliográficas	69



APRESENTAÇÃO



“O que eu faço, é uma gota no meio do oceano.
Mas sem ela, o oceano será menor.”

Madre Teresa de Calcutá

APRESENTAÇÃO

Fui filha única até os sete anos de idade, meu passatempo preferido era brincar de aulinha com minha mãe, que sendo professora alfabetizadora, me distraía com livros e folhinhas para colorir, enquanto preparava planos de aula para seus alunos e alunas de verdade.

Cresci acompanhando a correria dela entre reuniões pedagógicas, preenchimento de diários, elaboração de aulas, confecção de materiais pedagógicos, correção de provas e trabalhos... Ufa! Sem contar os afazeres domésticos e a maternidade... Eu percebia o tanto que minha mãe ficava cansada, mas me encantava vê-la sempre determinada, com sua voz doce e calma, engajada em mostrar para cada uma de seus alunos e alunas o fascinante caminho das letras e dos números.

À medida que cresci e conheci mais sobre o mundo, me identifiquei com muitas outras profissões... Já desejei ser bailarina, pintora, astróloga, médica, apresentadora de TV e cientista, mas sem dúvida nenhuma onde eu me sentia mais à vontade era na docência, e na busca de minha missão nessa vida, consegui encontrar meu caminho - me identifiquei como educadora.

Essa escolha já era evidente no Ensino médio, cursei científico pela manhã e magistério à noite. Fui uma professora estagiária solícita, adorava tomar leitura ou tabuada, olhar o recreio, ensaiar os (as) alunos (as) para festa do livro, substituir as professoras titulares quando precisassem... Enfim, esse mundo era onde eu queria estar.

Na Faculdade escolhi o caminho da Biologia, sempre fui fascinada pela natureza e por todos os fenômenos que envolvem a vida. Meu sonho era me especializar cada vez mais, mas então veio o casamento, o filho... E o desejo de fazer um mestrado foi adiado...

Nesse ano completo 18 anos atuando profissionalmente naquilo que na infância era minha brincadeira preferida. Atualmente leciono em dois cargos na rede pública estadual de Minas Gerais e um cargo na rede privada.

Nesses anos atuando como professora, afirmo com propriedade que nem tudo são flores, são muitos os espinhos enfrentados pela profissão... Quando me recordo da menina que fui, recordo também da inocência da infância, que imbuída de sonhos não mensurou os desafios... E não são poucos!

Porém, quando esses desafios me assolam e o desânimo se faz presente, lembro dos motivos que me levaram a trilhar por esse caminho... Respiro fundo e sigo caminhando...

Em 2018 tive a oportunidade de realizar um dos meus sonhos profissionais e comecei a cursar pela UFJF/GV o PROFBIO – Mestrado Profissional em Ensino de Biologia, um curso destinado aos (às) professores (as) de Biologia com uma abordagem de ensino investigativa.

Não tenho palavras suficientes para descrever minha alegria e satisfação em conhecer tantas pessoas, que assim como eu, também amam o que fazem e buscam cada vez mais recursos para se aperfeiçoarem. Gratidão a todos os meus parceiros e parceiras de turma e aos (às) professores (as) maravilhosos do mestrado que compartilharam seus conhecimentos comigo nessa jornada.

Ao escolher o tema para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Mestrado (TCM) busquei por uma inquietação enquanto professora ao observar o gradativo aumento, nos últimos anos, do número de alunas adolescentes grávidas. É perceptível como esse período é difícil para elas, enfrentam muitos dilemas, dentre eles o emocional e o financeiro. Essas adolescentes nem sempre recebem o apoio de sua família e do pai da criança, que em algumas situações também é um adolescente e não tem maturidade adequada para lidar com o assunto. Essa situação sempre me preocupou bastante, visto que muitos desses meninos e meninas não retornam para a escola depois que o bebê nasce.

Observo que temas ligados à Educação Sexual, como sistema reprodutor, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre outros, despertam o interesse dos (as) estudantes, tanto nas aulas de Biologia do Ensino Médio quanto nas aulas de Ciências do Ensino Fundamental.

Considerando o interesse pelo assunto, sempre me indaguei sobre os motivos que levam as minhas alunas adolescentes, mesmo a par das informações ministradas nas aulas, engravidarem nessa fase de suas vidas, ou meus alunos adolescentes se tornarem pais, ambos precisando interromper os estudos e passando dificuldades financeiras e emocionais para criar o filho ou filha.

A gravidez não é a única preocupação relevante quando abordamos a sexualidade, mas sempre me mobilizou, despertando uma sensação de inquietação, que me incentiva a buscar caminhos para minha atuação como professora.

Portanto, minha escolha para o desenvolvimento do TCM não poderia ter sido outra. Com a orientação da professora Doutora Maria Gabriela Parenti Bicalho, iniciei um estudo cujo objetivo geral era analisar as percepções dos (as) estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola do interior de Minas Gerais sobre a contribuição do ensino de Biologia para a prevenção da gravidez na adolescência.

Como produto do TCM, surgiu esse e-book, destinado aos professores e professoras de Biologia. Nele compartilho sobre os caminhos percorridos durante a pesquisa e as reflexões geradas a partir da análise de resultados, além de sugestões didáticas sobre educação sexual. Ele não tem a pretensão de apresentar fórmulas mágicas com soluções milagrosas, mas expressa o desejo de contribuir, nem que seja de forma singela, assim como uma gotinha de água perante a imensidão do mar...

Laura Medeiros
Agosto/2020

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO
ABRANGENTE

EDUCAÇÃO
PAUTADA
NO DIÁLOGO

CONSTRUÇÃO
POSITIVA DA
SEXUALIDADE

“Os adolescentes estão moldando
o presente e o futuro da humanidade.”

UNFPA

INTRODUÇÃO

Caminhos metodológicos percorridos até aqui...

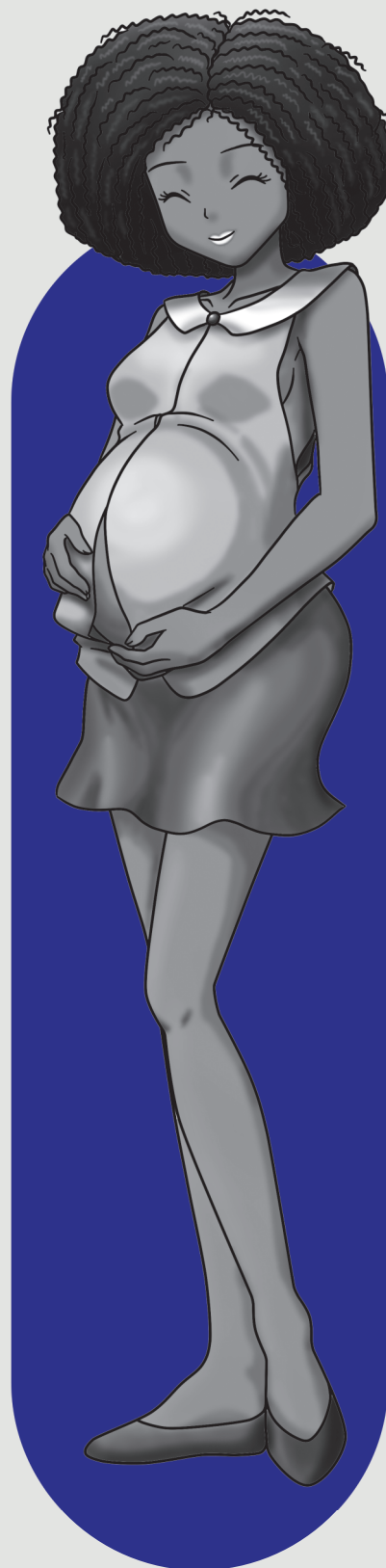
A maternidade ou paternidade e todos os seus encadeamentos são construídos socialmente no decorrer do tempo e espaço histórico. Por ser um fenômeno social, nossa visão sobre a gravidez na adolescência mudou, por exemplo, se comparada à visão da época em que nossas avós ou bisavós eram adolescentes.

Minha avó paterna se casou aos 13 anos de idade e teve 11 filhos. Ela mal sabia ler e assinar o próprio nome, mas aqueles tempos eram bem diferentes dos de agora. Minha avó nos contava que seus pais não se preocupavam com seu estudo, a maior preocupação deles era que ela garantisse um casamento.

Hoje, a compreensão que temos sobre a gravidez na adolescência se enquadra nas expectativas de vida dos tempos atuais, esperamos que as jovens e os jovens amadureçam, completem os estudos, exerçam um trabalho para seu sustento e só depois constituam sua própria família.

Atualmente, o conceito de saúde está ligado ao princípio da integralidade, como direito de todos e dever do Estado, assim como o disposto no artigo 196 da nossa Constituição Federal de 1988.¹ Segundo esse conceito, saúde não significa apenas a inexistência de doenças, mas contempla fatores psíquicos e sociais, dentre eles a disponibilidade de condições adequadas à sobrevivência, como saneamento básico e alimentação adequada. Sendo assim, também se enquadram como parte da saúde integral o acesso à educação e o exercício de um trabalho digno.

O relatório sobre a maternidade precoce, produzido em 2013 pelo Fundo de Populações das Nações Unidas - UNFPA, afirma que 7,3 milhões de meninas menores de 18 anos dão à luz por ano no mundo. Desse total de partos, 2 milhões são realizados em meninas com menos de 15 anos de idade.



Em países em desenvolvimento aproximadamente setenta mil adolescentes falecem por ano por motivos decorrentes de uma gestação ou parto. Normalmente essas adolescentes pertencem a famílias pobres e possuem déficit nutricional. Quando a gestação ocorre logo depois das adolescentes alcançarem a puberdade, as chances de ocorrerem problemas de saúde são agravadas.²

Por conta da gravidez, muitas adolescentes precisam interromper os estudos para desempenharem o papel de mãe, sendo impedidas de desenvolverem todas as suas potencialidades, comprometendo sua capacidade de geração de renda e futuro.² Nessa perspectiva, a gravidez na adolescência, sobretudo nas camadas sociais mais baixas, é considerada precoce e torna-se alvo de preocupação de diversos setores da sociedade.³

A “saúde sexual e reprodutiva e o pleno gozo dos direitos” são essenciais na construção pelos (as) adolescentes das características que os identificam como pessoa, bem como sua disposição física e mental, seu progresso e capacidade de desenvolvimento individual.²

Nesse sentido, a escola se destaca como peça essencial para a formação do indivíduo e também para a evolução da sociedade. A educação sexual desenvolvida no âmbito escolar é defendida por muitos profissionais da área da educação e saúde, porém, como em muitas famílias esse assunto não é devidamente abordado, o professor ou professora, para muitos (as) adolescentes, torna-se a única pessoa com quem podem conversar e tirar suas dúvidas sobre conhecimentos relacionados à sexualidade, além de desenvolverem uma perspectiva nova sobre fatos a ela relacionados.⁴

Porém, essa tarefa não é nada fácil... A maioria dos professores e professoras de Biologia, eu me incluo nessa lista, não receberam em seus cursos de graduação uma preparação adequada para desenvolverem temas relativos à educação sexual com público adolescente.⁵

Entendendo as dificuldades enfrentadas pelos meus colegas de profissão e buscando respostas para os meus próprios anseios particulares, motivei-me pela pesquisa de cunho qualitativo, por meio da técnica de grupo focal com os (as) estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Alfredo Lima, localizada no Município de Manhumirim - MG.

O grupo focal é uma técnica que proporciona o diálogo entre os membros, através do debate sobre temas específicos a partir de tópicos. Possui cunho interpretativo e não descritivo, favorece resultados consistentes, uma vez que as respostas são produzidas por várias pessoas, possibilitando o aparecimento de novidades ou até mesmo pontos de vista inéditos.⁶

A proposta de compreensão da perspectiva dos (as) estudantes por meio da discussão em grupos focais fundamentou-se na perspectiva teórica que compreende que as expressões dos (as) estudantes pesquisados está ligada às

suas formas de viver o período do desenvolvimento em que se encontram, o qual se dá a partir de seu contexto sócio-cultural.

Ao final da pesquisa realizada, pode concluir que é necessária a educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, que permita aos (às) jovens fazer escolhas críticas e conscientes sobre seu futuro e o pleno desenvolvimento de sua sexualidade.

CAPÍTULO 1

Adolescência e juventude: categorias plurais



“Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica.”

Juarez Dayrell

CAPÍTULO 1

Adolescência e juventude: categorias plurais

É importante construirmos uma percepção de adolescência e juventude que nos auxilie a lidar com os (as) jovens do nosso cotidiano, para tanto, devemos considerar as particularidades apresentadas em cada etapa da existência juvenil.⁷

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), disposto na Lei 8.069 de 1990, a adolescência é o período compreendido entre 12 e 18 anos de idade e para a Organização Mundial de Saúde (OMS), juventude é o período considerado como preparatório para o sujeito apropriar-se do posto de adulto, compreendido entre a faixa etária de 15 e 24 anos.⁹

A adolescência também pode ser considerada como um período inicial de uma etapa mais extensa que é a juventude, enfatizada pelas modificações nas esferas biológicas, psicológicas e sociais manifestadas nesse período da vida. Sob uma perspectiva, pode abranger modificações comuns em indivíduos de certo intervalo de idade, e sob outra perspectiva, as construções sociais e históricas relativas a esse período de vida.⁷



Logo, além das definições unicamente cronológicas, quando nos referimos às categorias juventude e adolescência, precisamos ter em mente sua diversidade e pluralidade. Elas devem ser vistas como condição e não como estado, portanto, deve-se analisar o cenário político e histórico em que estão inseridas, levando-se em consideração as muitas características que essa pluralidade pode significar, como por exemplo, aspectos relativos a gênero, classe social, raça, habitação, educação, saúde, entre outros.¹⁰

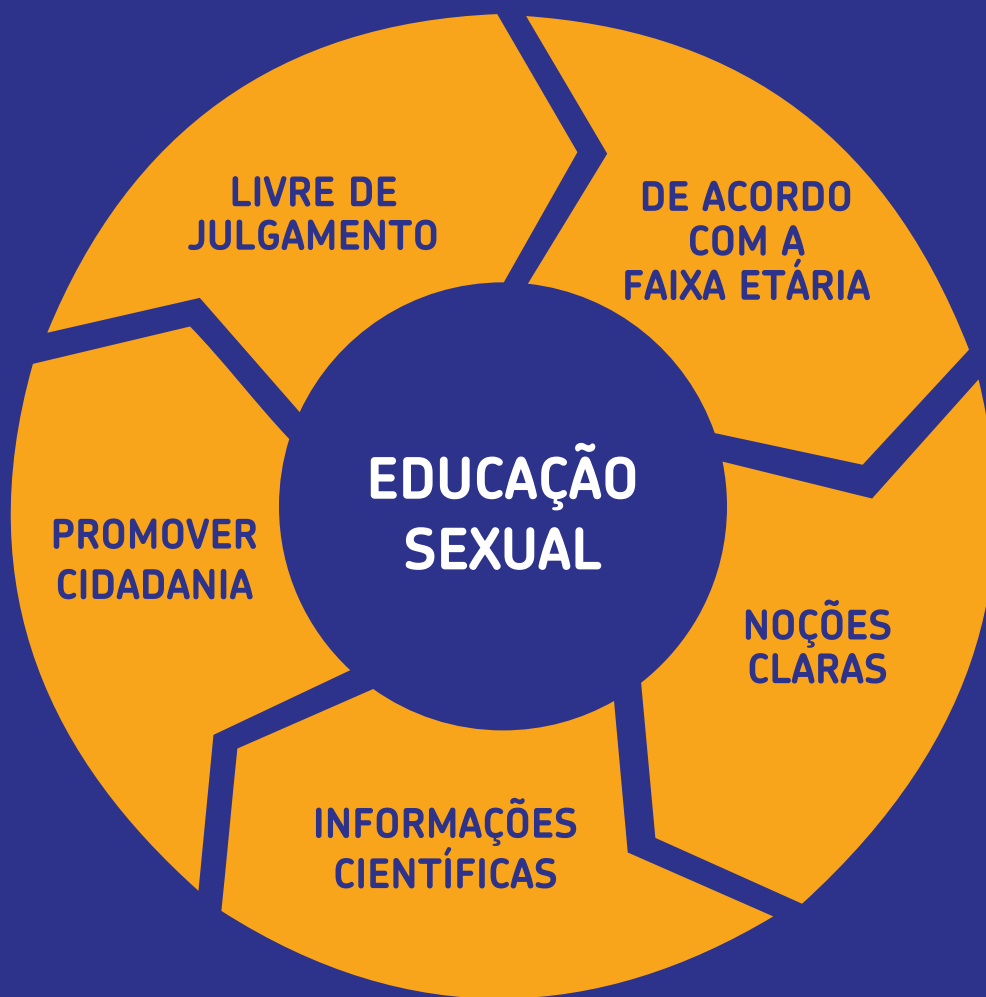
A juventude deve ser percebida como categoria plural, evidenciando que existem muitas maneiras de ser jovem, devemos entendê-la na perspectiva da diversidade, como parte de um mecanismo mais complexo, que ganha especificidades de acordo com as vivências sociais e não está presa a padrões específicos.¹¹

A mesma perspectiva de diversidade deve ser utilizada para compreender a adolescência, as circunstâncias de sua vivência social devem ser acrescidas a sua natureza biológica. Ainda que exista uma faixa etária que englobe determinadas características, a adolescência não pode ser caracterizada de forma global, com regras que abrangem a todos indistintamente, por essa razão fala-se em “adolescências”, no plural, expressão possível de abranger todas as formas de viver dessa categoria.¹²

Diante do exposto, os (as) estudantes participantes da pesquisa apresentada, que se encontram na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade, se enquadram tanto na adolescência como na juventude, visto que o estudo se baseou em pontos de vista sociais e também relativos à saúde física e psíquica dos envolvidos, diante disso, considera “adolescências” e “juventudes” em seus respectivos plurais, buscando abranger a diversidade de sentidos que essas denominações podem implicar.

CAPÍTULO 2

Educação sexual abrangente



“As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas e ensinadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas.”

Guacira Lopes Louro

CAPÍTULO 2

Educação sexual abrangente

A sexualidade, presente em diferentes fases da vida de formas diversas, constitui objeto de estudo de muitas disciplinas, com inúmeras abordagens. Além de nossa estrutura física, nossa sexualidade está ligada às nossas convicções, anseios e pensamentos.¹³

A maneira de viver o gênero e a sexualidade nos é ensinada pela cultura, varia de geração em geração, de acordo com o período vivido e de uma cultura para a outra. Aprendemos por meio dos “discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos”.¹⁴

Debates relacionados às questões de gênero e sexualidade passaram a figurar na narrativa social e política brasileira a partir da Constituição de 1988.¹⁵

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propuseram a educação sexual, nomeada de orientação sexual, como um tema transversal que deveria ser desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento e em todos os ciclos de escolarização.¹⁶

Segundo esse documento, a orientação sexual desenvolvida no ambiente escolar favorece a compreensão e reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos, permitindo que crianças, jovens e adultos adquiram conhecimentos para deliberarem sobre suas escolhas.

Porém nos últimos anos, uma onda conservadora, imbuída de princípios morais particulares de ordem ideológica ou religiosa, vem se destacando no cenário político e social nacional, frustrando muitas pautas conquistadas e reprimindo novos progressos.¹⁵ Nesse contexto, foi aprovada em 2018, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que rege atualmente a educação brasileira.¹⁷



Ao contrário do que prescreviam os PCN, o documento atual retirou do seu texto conteúdos associados a gênero e sexualidade, restringindo a educação sexual a uma visão biológica, enfatizada nos conceitos relacionados à anatomia e fisiologia reprodutivas.¹⁵

A inexistência de um debate na escola, envolvendo esses temas, coopera para a perpetuação de comportamentos intolerantes e discriminatórios, corroborando com uma perspectiva conservadora e discriminatória.¹⁸

A educação brasileira encontra-se, então, na contemporaneidade, limitada por entraves estabelecidos pela perspectiva limitada e impregnada de preconceitos, que contesta e inibe a educação sexual no âmbito escolar.

Porém embora haja, na atual BNCC, uma negligência curricular referente ao temas gênero e sexualidade, os princípios universais da educação regida pelo Estado, garantem uma escola pública, gratuita e laica.^{15,18}

Por essa razão, enquanto educadores (as), nós necessitamos operar para que condutas e posicionamentos preconceituosos sejam abolidos do ambiente escolar, possibilitando progresso na discussão desses temas e combatendo pontos de vistas excludentes e discriminatórios.^{15,18}

Os (as) estudantes, participantes da pesquisa, demonstraram, nas discussões estabelecidas nos grupos focais, possuir conhecimentos sobre sexualidade. Deixaram claro saber que sexualidade é um conceito que vai muito além do ato sexual, abrangendo questões alusivas a gênero, formas de se relacionar, gostos e preferências.

Com relação à responsabilidade de ensinar questões relativas à sexualidade, apontaram ser da família e da escola e afirmaram que aprendem sobre o tema no ambiente familiar, escolar e principalmente na internet.

Na avaliação que fazem da educação sexual recebida no âmbito escolar, julgaram o conteúdo abordado bom, porém muito básico, restringindo-se às questões anatômicas e fisiológicas. Gostariam que as discussões fossem mais aprofundadas e que ocorressem com maior frequência.

Sobre a gravidez na adolescência e as formas para preveni-la, relataram que foram assuntos abordados durante as aulas de Biologia, mas de forma superficial.

Os (as) adolescentes, participantes da pesquisa, demonstraram perceber que a gravidez na adolescência não é enfrentada igualmente por moças e rapazes. Evidenciaram que a responsabilidade na criação da criança recai mais sobre a moça e que ela recebe mais julgamentos da sociedade que o rapaz.

O Fundo de Populações das Nações Unidas, no relatório sobre a Maternidade divulgado em 2013, refuta a prática desenvolvida em muitos

países, para prevenir a gravidez na adolescência, de focar somente na mudança de conduta feminina como solução para o problema, por pressupor que a responsabilidade pela prevenção é apenas da jovem, desconsiderando os fatores que levam a sua ocorrência e omitindo a participação masculina.²

A educação sexual tem maior chance de ser efetiva se for “abrangente”, ou seja, desenvolvida de acordo com a faixa etária fornecendo informações claras, pertinentes, científicas, livres de julgamentos e promovendo a cidadania.²

Dessa maneira, a prevenção da gravidez na adolescência deve considerar os vários determinantes sociais e econômicos que levam a sua ocorrência, bem como as questões de gênero, incluindo a participação masculina.

CAPÍTULO 3

Educação sexual dialógica



QUEM ENSINA APRENDE...

QUEM APRENDE ENSINA...

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

CAPÍTULO 3

Educação sexual dialógica



Quando indagados sobre como gostariam que fossem as aulas de Biologia relacionadas à educação sexual, os (as) participantes da pesquisa citaram que gostariam de aulas mais dialogadas e dinâmicas, nas quais pudessem compartilhar suas dúvidas mais à vontade. Apontaram a necessidade que sentem de se expressar, dialogar com seus semelhantes sobre suas experiências e abordar a educação sexual mais vezes durante o ano letivo e em todas as séries.

Baseado no exposto evidencia-se o retrocesso imposto pela atual BNCC, ao ignorar a transversalidade da educação sexual prescrita pelos PCN e restringir a abordagem do tema a uma visão biológica e reprodutiva. Essa perspectiva não atende os anseios dos (as) adolescentes pesquisados e não contempla a noção de sexualidade como construção sociocultural.

A perspectiva da educação dialógica coloca-se como proposta importante para a educação sexual de adolescentes e jovens, considerando a pluralidade das diversas maneiras de ser jovem e as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade. As incertezas manifestadas por eles nessa fase da vida se enquadram entre os múltiplos aspectos envolvidos na formação integral do ser humano, que envolve questões afetivas, sociais, culturais e sexuais.⁵

Mas, o que é ensino dialógico?

O ensino dialógico é muito diferente de um ensino dito normalmente como tradicional, onde o (a) professor (a) fala e o aluno (a) escuta, ou seja,

professores (as) transmitem o conhecimento e alunos (as) o reproduzem. Nele, as duas partes se comunicam, não através de um bate papo sem direcionamento, o ponto de partida é a vivência dos (as) estudantes e o (a) professor (a) se porta como um (a) facilitador (a), conduzindo, através de indagações, a aprendizagem.

A inspiração para a educação dialógica encontra-se nos estudos de Paulo Freire, para quem o diálogo escolar não inicia quando professores e professoras situam-se em um contexto de ensino-aprendizagem com estudantes, mas sim, na procura do (a) professor (a) pelo conteúdo programático, quando este (a) se questiona sobre qual assunto vai dialogar.¹⁹ O conteúdo programático não deve ser imposto aos (às) estudantes, mas problematizado de tal forma que os leve a desenvolver um pensar crítico sobre sua própria humanidade.

Para Freire, o conteúdo programático surge a partir do diálogo com os (as) estudantes e representa seus desejos e expectativas, estes são os geradores da temática que servirá como ponto de partida do processo educativo.

Na prática em sala de aula, percebemos que o interesse do (a) estudante é maior quando o assunto está ligado à sua vivência, provavelmente por isso, temas relacionados à sexualidade recebem bastante atenção, principalmente de adolescentes, que encontram-se na fase da vida em que acontecem muitas descobertas no campo da sexualidade.

Desse modo, empreender a educação sexual de forma dialógica permite uma maior aproximação entre estudantes e professores, possibilitando que juntos construam conhecimentos voltados para a consciência crítica e a tomada de atitude.

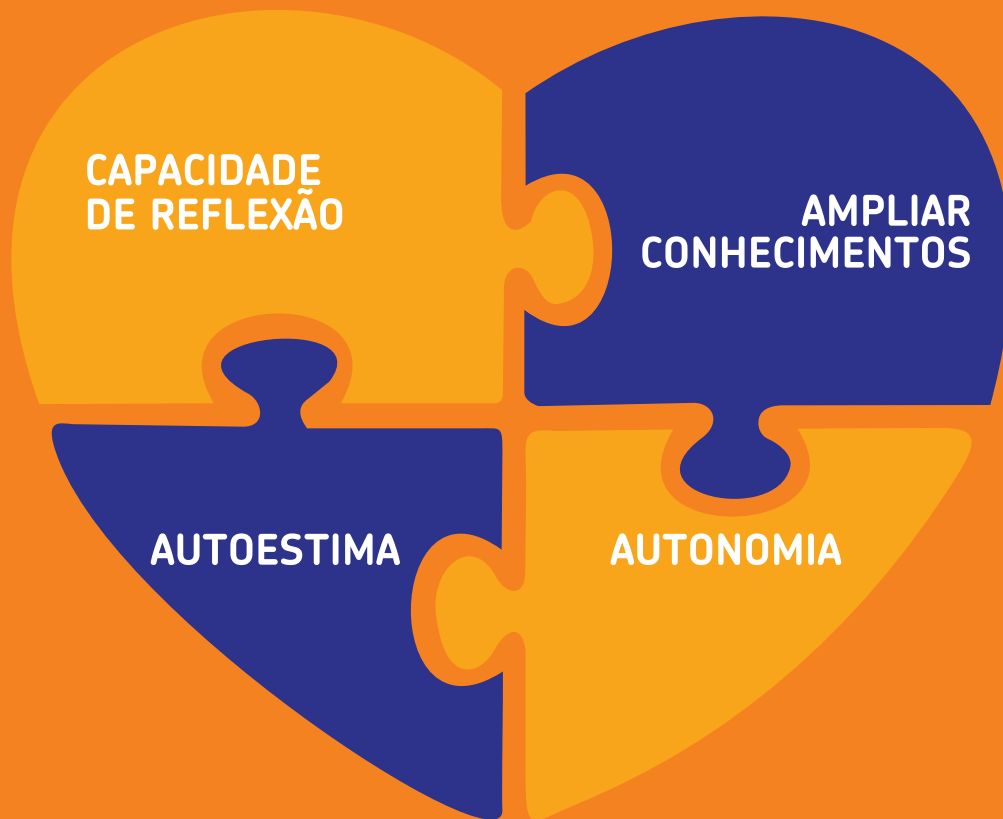
Portanto, o papel do educador e da educadora não é impor sua visão de mundo, mas propor situações problemas que levem os (as) estudantes a questionar e buscar soluções, não apenas no campo do pensamento, mas principalmente no campo da ação, possibilitando refletir e agir na transformação de sua condição no mundo.¹⁹

O propósito fundamental da educação sexual no ambiente escolar é criar possibilidades de reflexão, diálogo e desenvolver opinião crítica para a vivência responsável da sexualidade.²⁰ Quando os (as) adolescentes compreendem sua sexualidade como responsabilidade, entendem que suas ações estão relacionadas com o cuidado e a saúde.⁴

Desse modo, é fundamental que a educação sexual no ambiente escolar não seja somente informação teórica, mas que seja fruto dos sentimentos e vivências dos (as) estudantes. É importante propiciar espaço de expressão de vivências, discussão de situações concretas e contextualizadas, para que os conhecimentos sejam apreendidos e empregados. Tão importante quanto receber a informação é aprender a utilizá-la.²¹

CAPÍTULO 4

Estruturação positiva da sexualidade



“A saúde sexual e reprodutiva e o pleno gozo dos direitos são fundamentais para a transição dos adolescentes para a vida adulta e vitais para a identidade, saúde, bem-estar, desenvolvimento e crescimento pessoal dos adolescentes, bem como para a realização de seu potencial na vida.”

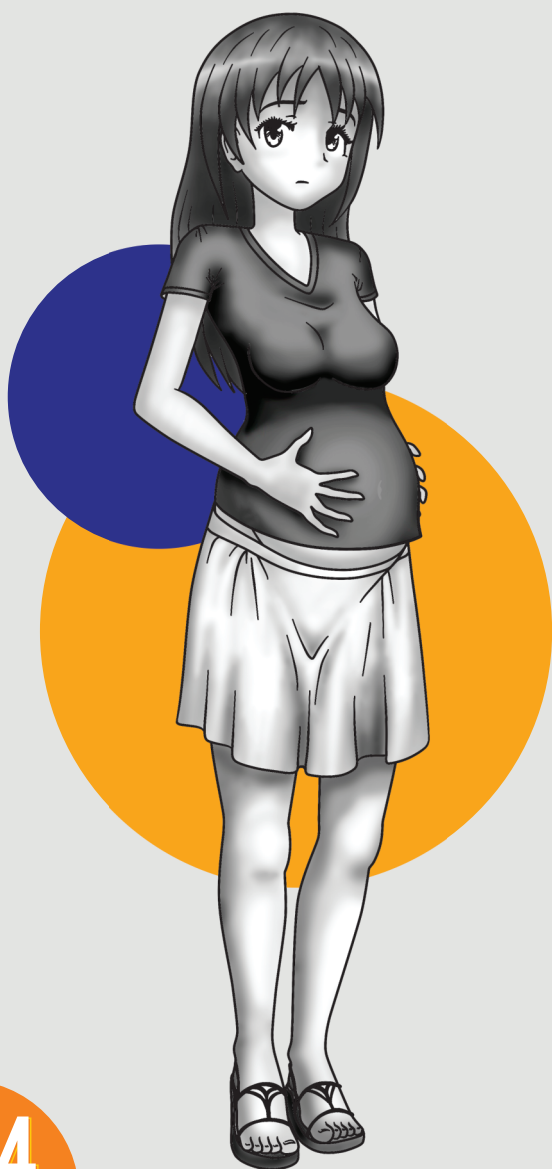
UNFPA

CAPÍTULO 4

Construção positiva da sexualidade

Pesquisas realizadas com adolescentes grávidas mostram um aspecto paradoxal: é muito comum ouvi-las dizer que estão felizes com a possibilidade de experimentar a maternidade e que desejam o filho ou filha, mesmo levando em consideração as circunstâncias críticas que essa situação lhes impõe, como o abandono dos estudos e a ausência de independência econômica.²

O fato mencionado se confirma, sobretudo, nas camadas sociais mais necessitadas, o nascimento de um filho ou filha pode representar a convicção de ter-se alcançado de forma decisiva, mesmo que incompleta, a posição de adulto na sociedade, mesmo que outros fatores de passagem para idade adulta como término dos estudos, aquisição de emprego e constituição de sua própria família não tenham sido alcançados.²³



Na ausência de perspectivas sobre o futuro, algumas adolescentes podem almejar um (a) filho (a) com a intenção de vivenciarem relações afetivas ou aproximar-se do parceiro. Através da maternidade percebem a oportunidade de demonstrarem ser maduras e possuir responsabilidade. Quando percebem que não possuem outras opções, acreditam que não têm nada a perder, e provavelmente a ganhar, como o (a) filho (a), relação amorosa e ascensão ao status de adulta.²

Ao buscar possíveis causas para a ocorrência da gravidez na adolescência, percebemos que a justificativa para esse fato vai muito além do desconhecimento de métodos contraceptivos pelos (as) jovens, envolvem questões psicológicas, culturais, sociais e econômicas. Percebemos que a gravidez na adolescência é considerada precoce, mas nem sempre indesejada, pois como vimos, muitas adolescentes

aproximam-se dessa realidade, buscando na maternidade encontrar seu papel na sociedade.

Programas que obtiveram êxito na prevenção da gravidez na adolescência demonstram que é importante mudar o foco limitado às meninas, para uma abordagem mais completa que viabilize a construção de sua autonomia, permitindo-lhe decidir sobre sua vida, inclusive com relação à sexualidade, mostrando-lhe alternativas para que tornar-se mãe não seja sua única possibilidade.²

Este novo modelo de enfrentamento deve ter como meta combater a conjuntura que propaga a gravidez na adolescência e que também discrimina as adolescentes grávidas. As meninas necessitam de atendimento em serviços de saúde sexual e reprodutiva. São também necessárias políticas públicas que amenizem as imposições econômicas e sociais relacionadas à gravidez na adolescência, como também as dificuldades sociais e distúrbios de saúde que dificultam a efetivação de suas potencialidades.²

Ainda que as mulheres sejam mais penalizadas no decorrer de suas vidas pelas convenções sociais danosas relativas ao gênero, as sociedades também educam seus representantes do sexo masculino, eles são estimulados a certificar sua masculinidade resistindo à dor, correndo perigos, sendo o chefe da família e possuindo muitas parceiras sexuais. Ocupar essas funções representa as maneiras aceitas pela sociedade para os homens afirmarem sua virilidade.²

Portanto, cabe à escola, ao discutir questões relacionadas ao gênero, contribuir para o desenvolvimento da autoestima e autonomia dos adolescentes e das adolescentes, ampliando seus conhecimentos e capacidade de reflexão, possibilitando dessa maneira que construam e vivenciem de forma positiva sua sexualidade.

CAPÍTULO 5

Oficinas Educativas



“A Educação, qualquer que seja ela,
é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.”

Paulo Freire

CAPÍTULO 5

Oficinas educativas

Nos diversos diálogos estabelecidos durante a realização dos grupos focais, os (as) estudantes manifestaram ansiar por uma educação sexual que extrapole as questões anatômicas e fisiológicas, portanto que ultrapasse as fronteiras da Biologia, que se expanda para as demais disciplinas e que aconteça nas demais séries de escolarização. Apontaram para a necessidade que sentem de se expressar, de dialogar e estabelecer trocas com seus semelhantes sobre suas experiências.

Atendendo a sugestão dos (as) estudantes que participaram dos grupos focais e entendendo a necessidade de uma educação sexual desenvolvida de forma abrangente, pautada no diálogo e na construção positiva da sexualidade, serão apresentadas ideias de oficinas voltadas para a abordagem da temática com o público adolescente.

O modelo de oficinas possibilita às pessoas falarem de si, fazerem autorreflexão, perceberem o que não sabem ou sabem precariamente. Nesse modelo a aprendizagem se processa de forma compartilhada através de dinâmicas e discussões em grupo, possibilitando a reflexão e tomada de atitudes críticas diante dos temas abordados.²⁴

A abordagem dos temas se dará por meio de rodas de conversa utilizando vários recursos como vídeos, músicas e textos. Esses recursos consistem em importantes mecanismos para atrair a atenção dos (as) adolescentes, devido ao impacto provocador que causam, valendo-se de correlações com as situações reais.²⁴

As oficinas terão como facilitadores (as) os professores e professoras, que serão responsáveis por fomentar as discussões e problematizar os temas abordados. Eles devem planejar as atividades com antecedência, baseando-se nos tempos e espaços de trabalho disponíveis, com autonomia para modificar, adaptar ou acrescentar temas e tópicos nas oficinas propostas, de acordo com a realidade de seus estudantes.

OFICINA 1

Sexo e gênero

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Reconhecer e avaliar as próprias representações acerca dos papéis sexuais e das relações de gênero.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Selecionar antecipadamente diferentes objetos que, pela forma, textura ou uso no cotidiano, tendam a ser associados a homens ou mulheres.

Sugestões de objetos: carrinho de brinquedo, caminha de brinquedo, boneca, boneco guerreiro ou super-herói, martelo, cristal com arestas, flocos de algodão, sabonete perfumado, preservativo masculino, revólver de brinquedo, fralda de bebê, fogãozinho, talco infantil, chave de fenda, etc.

2. Explicar ao grupo que será desenvolvido um jogo de associações e em que consistirá esse jogo: alguns(as) voluntários(as) terão os olhos vendados e formarão um círculo no centro da sala; os demais permanecerão em um círculo externo como observadores(as). Na mão de cada pessoa que está de olhos vendados, será colocado um objeto, que ela deverá apalpar,

cheirar e cujas qualidades ela vai descrever, quando o(a) facilitador(a) tocar seu ombro.

3. Organizar os dois círculos, vendar os olhos dos participantes do círculo de dentro e colocar nas mãos deles os objetos selecionados.

4. Ir tocando no ombro de cada pessoa do círculo interno e pedir que ela diga, em voz alta, as características do objeto e se o associa ao feminino ou ao masculino. Ir anotando em uma folha ou painel a identificação do objeto, as características atribuídas a ele e a associação feita. Explicar ao grupo que não tem grande importância descobrir de que objeto se trata.

5. Depois que os participantes tiverem se manifestado, solicitar que tirem a venda e olhem o objeto.

Sugestões para reflexão:

- Levar o grupo a rever e analisar as associações feitas com o masculino e com feminino e o que teria motivado tais associações: as características do objeto e as características anatômicas do corpo do homem ou da mulher? As características dos objetos e as ideias que temos de como os homens e as mulheres sentem? O uso ou a função do objeto no cotidiano?
- Levar o grupo a perceber que temos uma imagem de masculino e de feminino e que essa imagem tem componentes sensoriais, inconscientes, alguns derivados de analogias com as características anatômicas do corpo do homem e da mulher ou com papéis, qualidades e valores atribuídos pela cultura ao feminino ou ao masculino.
- Levar o grupo a discutir o que constitui diferença biológica entre o homem e a mulher e o que constitui diferença cultural. Mostrar que as diferenças não têm, necessariamente, de ser transformadas em desigualdades, em distribuição desigual de poder entre os sexos.

OFICINA 2

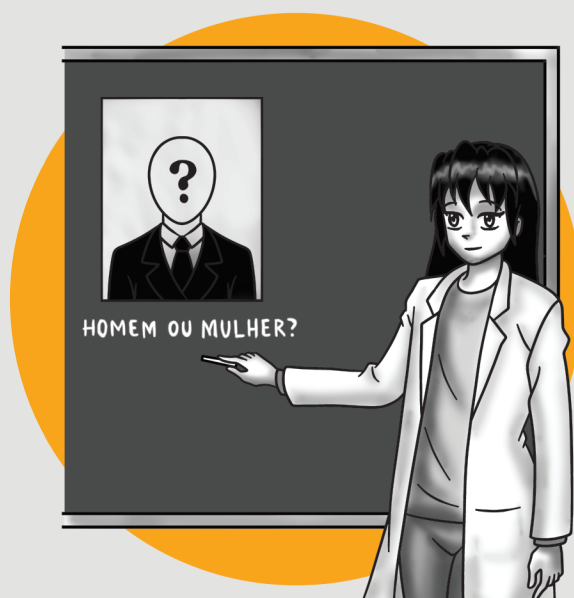
● *Coisa de homem, coisa de mulher*

(Adaptada²⁶)

Objetivo:

- Proporcionar um espaço de reflexão e debate sobre certos comportamentos e situações que circundam o cotidiano de meninos e meninas, homens e mulheres, a fim de desnaturalizar certas noções que atravessam nossos imaginários.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Divida o quadro ao meio, escrevendo de cada lado os termos “homem” e “mulher”, em seguida peça aos (as) estudantes que citem alguma(s) palavra(s) referente(s) às características que considerem pertencentes a cada um dos gêneros de acordo com seus imaginários, sem associar a uma noção de certo ou errado.

2. A partir das expressões escritas no quadro, inicie o debate questionando como os(as) estudantes enxergam, de forma geral, demandas sociais sobre como devem se comportar o homem e a mulher. Como determinados estereótipos justificam algumas vulnerabilidades que atravessam os gêneros masculinos e femininos.

3. Em seguida, apresente no data show ou entregue aos participantes o texto “Faca sem ponta, galinha sem pé” – Ruth Rocha. Nesse texto, a autora, explora alguns papéis representados pelos gêneros masculino e feminino, construídos e naturalizados pelo senso comum. Apresentam-se comportamentos peculiares que se estabelecem no dia a dia de um casal de irmãos, que têm a oportunidade de trocar suas identidades um com o outro e lidar com o universo que, a princípio, não lhes pertence, garantindo, assim a possibilidade de novos olhares e vivências. Ainda que seja uma história infantojuvenil, além de contemporâneas, as problematizações e intrigas trazidas no livro podem ser adaptadas ao público jovem e adulto.

Texto: FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ – RUTH ROCHA²⁷

Esta é uma história de dois irmãos: Joana e Pedro. Os problemas que eles tinham não eram diferentes de todos os irmãos.

Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de menino, tais quais jogar bola, subir em árvore. Porém, ela tinha que se comportar como menina.

Joana implicava com o irmão por ele, às vezes, ter “atitudes femininas”, como chorar por causa de um filme triste, ou ficar se olhando no espelho.

Os dois sofriam cobranças de atitudes “correspondentes” com seu sexo por parte de seus pais, como: “menina tem que ser delicada, boazinha...”

Ou “Filho meu não foge! Volte pra lá já já e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!”

Um dia, tinha chovido muito e os dois, voltando da escola, passaram por debaixo do arco-íris e mudaram de sexo. E a situação se complicou.

Vocês não podem imaginar o rebuliço que foi na casa deles quando contaram o que tinha acontecido! Seus pais ficaram muito preocupados, principalmente com a situação de Pedro. Está bem que a gente vista o Joana de homem. Afinal, as mulheres hoje em dia só querem se vestir de homem. Mas como vestir a Pêdra de mulher?

Ao irem para a escola, no dia seguinte, Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha de cerveja que estava no chão.

- Vamos parar com isso? – disse Joano.

- Menina não faz essas coisas.

- E eu sou menina?

- reclamou Pêdra.

- É, não é?

- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, de empinar papagaio, de pular sela... - Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano. - Mas é que todo

mundo diz isso – disse Pêdra. – Que menina não joga futebol, que mulher é dentro de casa... - Pois é, agora aguenta! Não pode, não pode, não pode!

Joano e Pedra deram as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E, final-mente, perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, abraçaram-se e começaram a voltar para casa. Então, Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa (ROCHA, 2009).

Sugestões para reflexão:

- “Menina tem que ser delicada e boazinha”, “meninos são corajosos e fortes”. Vocês acham correto generalizar sobre os comportamentos e personalidades dos gêneros masculino e feminino? Por quê?
- Vocês acham que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Justifiquem suas respostas.

OFICINA 3

● **Palavras e seus significados**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Incentivar o grupo a explicitar e questionar preconceitos e mitos acerca da reprodução e do prazer sexual de homens e mulheres.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Distribuir entre os participantes cartões com palavras escritas (uma em cada cartão). Sugestões de palavras: mar, viagem, pau, carro, flor, aranha, mão, botão, perereca, leite, bola, veado, cama, árvore, nuvem, grilo, laranja, banana, pinto, pistola, sangue, casa, quarto, sapato, verde, estrela, sol, livro, cachorro, barata, cadela.

Selecionar tanto palavras mais neutras, quanto palavras com conotação positiva e negativa e, dentre estas últimas, colocar termos que tenham duplo significado, um deles com conotação sexual. O objetivo é mostrar que as palavras têm o poder de acariciar ou agredir, porque são carregadas de julgamentos de valor.

2. Pedir a cada pessoa que vá dizendo o que a sua palavra lhe lembra, numa livre associação de ideias.

3. Facilitar a relação também com sexo e sexualidade, e em seguida, fomentar uma discussão sobre estas associações, refletindo sobre como as palavras são carregadas de valores, como elas podem ser positivas ou negativas, delicadas ou agressivas, pejorativas ou agressivas.
4. Escrever no quadro ou em uma cartolina os nomes técnicos dos órgãos genitais e de vivências sexuais (um em cada folha): pênis, testículos, vagina, vulva, clitóris, relação sexual, ânus, seio, masturbação, coito.
5. Solicitar aos participantes que escrevam em cada folha todos os nomes e expressões populares ou familiares que se refiram ao nome técnico colocado na cartolina.
6. Deixar que se expressem livremente, que riam à vontade.
7. Pedir a um participante do grupo que leia em voz alta todos os “apelidos” listados.

Sugestões para reflexão:

- Como você se sentiu fazendo a atividade? Por que as pessoas riem tanto? Por que será que existem tantos nomes populares e familiares para os órgãos e funções sexuais? Que nomes são mais pejorativos ou agressivos? Por que usamos tantas palavras ligadas ao sexo para xingar e agredir? Qual a importância de conhecer tanto os nomes técnicos quanto os apelidos? Vocês acham que existem nomes mais certos? Por quê? Que nomes usaremos aqui?
- Vocês acham que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Justifiquem suas respostas.

OFICINA 4

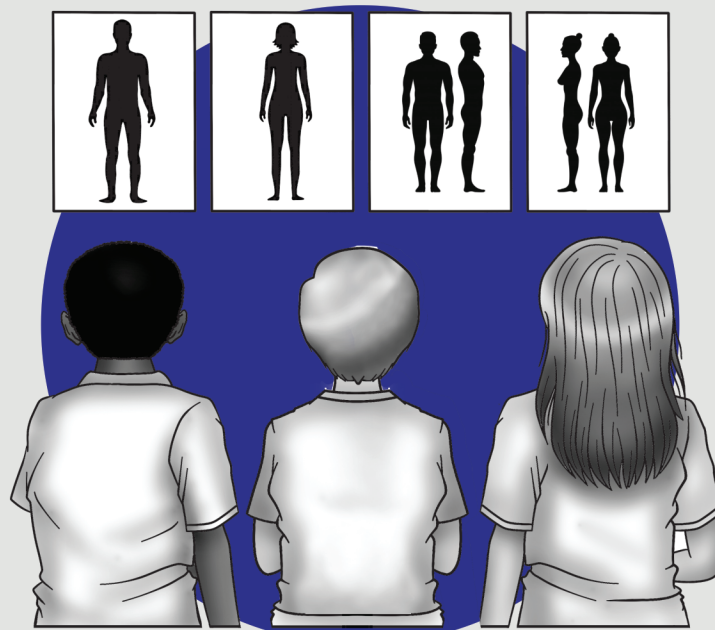
Corpo de homem e corpo de mulher

(Adaptada²⁶)

Objetivo:

- Retificar, ratificar e ampliar os conhecimentos do grupo acerca dos órgãos genitais do homem e da mulher.
- Sensibilizar os participantes para cuidar do próprio corpo reprodutivo e erótico e do corpo de seus parceiros ou parceiras sexuais.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Levar, previamente desenhados em duas folhas de papel pardo, dois contornos da figura humana (um em cada folha): um representando o corpo de um homem; o outro, o corpo de uma mulher.
2. Dividir o grupo em dois subgrupos (um de meninos e outro de meninas).
3. Pedir a cada subgrupo que complete o desenho representando o corpo erótico e reprodutivo do outro sexo (estruturas e órgãos do corpo e, em especial, do aparelho genital do outro sexo), com seus nomes (técnicos

e/ou populares conforme tenha sido combinado anteriormente). Os rapazes vão completar o desenho do corpo feminino; e as moças, o do corpo masculino.

4. Esclarecer que cada grupo deverá escolher um relator para apresentar o trabalho e que a apresentação deverá conter a explicação das características e a função de cada órgão ou estrutura na relação sexual e no prazer (resposta sexual) e na reprodução.

5. Organizar a apresentação dos grupos e abrir espaço para que, após a apresentação, os membros do outro grupo esclareçam dúvidas ou corrijam equívocos.

6. Avaliar com o grupo as apresentações, verificando a correção das informações, a clareza da explicação e a referência tanto ao papel dos órgãos e estruturas na resposta sexual quanto na reprodução. Ressaltar que, além dos órgãos genitais, outros órgãos, partes e funções do corpo participam do erotismo e do prazer sexual.

7. Levar desenhos ou modelos tridimensionais dos órgãos e estruturas do aparelho genital para retificar e complementar as explicações.

Sugestões para reflexão:

- Para você, o que significa conhecer o próprio corpo?
- É importante que homens e mulheres conheçam o próprio corpo? Por quê?
- Existem diferenças entre o erotismo do homem e da mulher? Explique.
- Que tipo de cuidado o homem deve ter com seu corpo erótico e reprodutivo? E a mulher?

OFICINA 5

● **Namorar e ficar**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Refletir sobre as relações entre sexo e afetividade nas relações de intimidade entre jovens.
- Discutir as representações das relações eróticas, da paixão e do amor veiculadas pela arte e pela mídia.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Convidar os participantes a dançar em roda, aos pares, ou em pequenos grupos ao som de três canções populares que falem de namoro, amor e paixão. Sugestões de canções: Já sei namorar, de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown; Minha namorada, de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes; Xote das meninas, de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e José Roberto Molina.
2. Dividir a turma em três subgrupos e entregar a cada um deles a letra de uma das canções.

3. Explicar que cada subgrupo vai discutir a letra da canção para inferir:

- de quem poderia ser a voz que fala na letra da canção;
- como essa voz fala do namoro, do amor ou da paixão;
- se a representação do namoro, do amor ou da paixão se parece com o que acontece na realidade.

4. Combinar que cada subgrupo terá de encontrar uma forma criativa de apresentar o resultado da discussão para os colegas.

5. Após as apresentações, provocar o grupo a se manifestar sobre o sentido do ficar, do namoro e das relações de intimidade entre os jovens, usando a seguinte técnica:

- O grupo vai se organizar em duas rodas, uma dentro da outra, com as pessoas de frente umas para as outras, formando pares.
- As duas rodas vão girar para a direita ao som de uma música.
- Quando a música parar, o facilitador fará uma pergunta que deverá ser discutida pelo par que se formar.
- Assim que a música recomeçar, as rodas voltarão a girar até que a música pare novamente e cada um esteja em frente de uma outra pessoa.
- O facilitador fará, então, outra pergunta que será discutida pelo par e, assim, sucessivamente.

Sugestões de perguntas:

- Você acredita em amor à primeira vista?
- O que faz uma pessoa “ficar” com outra?
- Quais são os sentimentos e emoções relacionados ao “ficar”?
- O “ficar” para os meninos tem o mesmo significado que para as meninas?
- Há medos envolvidos no ato de “ficar”? Quais?
- O que vocês pensam do menino que “fica” com várias pessoas?
- O que vocês pensam da menina que “fica” com várias pessoas?
- O que seus pais pensam sobre “ficar”?

- O “ficar” inclui intimidade afetiva?
 - Quando é que o “ficar” pode se transformar em namoro?
 - Namorar é um compromisso sério?
 - O que é namoro para você?
 - Tem de existir amizade entre namorados? Por quê?
 - Tem de existir paixão entre os namorados?
 - Para você, o que é um namoro que dá certo?
 - Para você, existe diferença entre paixão e amor?
6. Refazer o grande círculo e dar oportunidade para que os participantes comentem o que ouviram dos colegas.
 7. Solicitar que os participantes façam registros livres sobre o que aprenderam de significativo na oficina.
 8. Dar oportunidade para o grupo compartilhar sentimentos e percepções.

OFICINA 6

● **Diferenças entre gerações**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Compreender que a subjetividade e as relações de intimidade são construídas socialmente e, portanto, podem se transformar.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Solicitar previamente que os participantes pesquisem com seus pais e avós como era a maneira de agir, vestir-se, comportar-se, namorar, etc., na época em que eram adolescentes. Solicitar também que construam um quadro, preenchendo a primeira e a segunda coluna com as informações obtidas e a última coluna, com sua maneira (e a de seus conhecidos e amigos) se comportarem.
2. Pedir que os participantes apresentem os dados registrados na pesquisa e coordenar o debate sobre as transformações de comportamentos ao longo das gerações.

Sugestões de reflexão:

- Você discorda de algum ou de alguns comportamentos da geração de seus pais ou avós? Quais? Explique.
- Que costumes ou comportamentos você acha que deveriam ter-se mantido e que você gostaria de colocar em prática na sua vida?
- No passado, as relações de intimidade eram baseadas em muito compromisso; hoje, as pessoas parecem ter medo de compromisso. Você concorda com essa afirmativa? Explique.
- Você gostaria que alguma coisa fosse diferente nas suas relações de intimidade sexual ou afetiva? Pense nas suas relações de amizade, de paquera, de namoro, nas suas relações com seus pais e irmãos.

OFICINA 7

● **Ser mãe ou pai... Agora ou mais tarde?**

(Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Possibilitar aos adolescentes e às adolescentes uma reflexão sobre o impacto que um filho ou filha teria em suas vidas, no momento presente e no futuro, bem como sobre os vários contextos sócio-culturais e características individuais, que poderiam ocorrer em função de uma gravidez na adolescência.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Divida os (as) estudantes em grupos, peça que reflitam e troquem informações sobre as maneiras que um (a) filho (a), nessa etapa da vida, poderia afetá-los (as).
2. Após esse momento, reúna todos os grupos em uma única roda de conversa para que compartilhem os tópicos da discussão.

Sugestões para reflexão:

- Refletir as mudanças positivas e as negativas sobre os vários contextos sócio-culturais que podem ocorrer por conta de uma gravidez na adolescência, tais como:

1. Educação/Carreira
2. Amigos/Vida social
3. Finanças/Dinheiro
4. Rotina Diária

- Haveria diferenças no efeito que um filho pode ter na vida de uma moça e na de um rapaz?

Ao final, depois que todos os tópicos foram levantados e discutidos, permitir que os (as) estudantes elaborem uma conclusão sobre a questão: ser mãe ou pai... agora ou mais tarde?

OFICINA 8

● **Cuidar e ser cuidado**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Ampliar a percepção sobre o que é cuidar, as diferentes formas de cuidar, e sua importância no cotidiano.

- Incentivar o grupo a refletir sobre as atitudes de homens e mulheres no que se refere ao cuidado consigo mesmos, com os outros e com o ambiente.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Entregar balões de cores variadas, um para cada participante.
2. Solicitar que cada pessoa sopre seu balão e o identifique, usando canetas coloridas ou outros recursos disponíveis (etiquetas adesivas, fitas coloridas, etc.).
3. Explicar que, quando a brincadeira se iniciar, cada um terá de rebater seu balão, mantendo-o sempre no alto.

4. O dono ou a dona do balão que cair no chão sairá do jogo e ficará observando os demais.
5. Combinar que o balão branco representará o grupo e que ele também deverá ser rebatido para o alto.
6. Explicar que todos terão de cuidar do balão branco, evitando que ele caia no chão e voltando a jogá-lo para o alto quando ele cair.
7. Dar o sinal de início da brincadeira e rebater o balão branco para o meio do grupo.
8. Terminada a brincadeira (ou porque muitos já deixaram seus balões caírem ou porque o tempo previsto se esgotou), provocar a reflexão dos participantes: Foi difícil manter o próprio balão no alto? Alguém o ajudou a “salvar” seu balão? Você ajudou a “salvar” o balão de alguém? O que aconteceu com o balão branco?
9. Fazer uma roda e pedir que cada participante escolha um colega ou uma colega para viverem juntos a experiência de cuidar e de ser cuidado.
10. Explicar que uma das pessoas da dupla vai ter os olhos vendados e que a outra vai guiá-la pelo mundo, cuidadosamente, mostrando caminhos, texturas, odores. Ressaltar que quem cuida olha, fica atento para atender às necessidades do outro; quem é cuidado se entrega e confia.
11. Dizer que será colocada uma música e que, enquanto ela estiver tocando, a dupla deve caminhar, explorando o espaço disponível. Quando a música terminar, o “guia” deve tirar a venda de seu par e voltar com ele ao centro da sala.
12. Repetir a atividade, trocando os papéis dentro da dupla.
13. Terminada a vivência, solicitar que o grupo compartilhe sentimentos e percepções, como se sentiu, se foi difícil confiar, se sentiu medo, se foi difícil cuidar, etc.

Sugestões para reflexão:

- Podemos cuidar sozinhos de muitas coisas, mas existem coisas que só podem ser cuidadas por todos, coletivamente. Você concorda com essa afirmativa? Explique.
- Você acha que os meninos e as meninas são educados igualmente para cuidar? Explique.

OFICINA 9

● **Cuidar da vida**

(Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Relacionar paternidade e maternidade à capacidade de cuidar altruisticamente de outras pessoas.
- Compreender como as diferenças de gênero afetam a forma de cuidar e os objetos dos cuidados.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Selecionar previamente fotos que representem pessoas, plantas, animais, objetos, ambientes (rios, jardins, ruas, escolas), em situações que exijam diferentes tipos de cuidados. Incluir fotos que representem pessoas que necessitam de cuidados especiais (por exemplo, um bebê recém-nascido; um cachorro machucado, uma pessoa idosa, um jovem numa cadeira de rodas, etc.)
2. Colocar as gravuras em um envelope e solicitar que cada participante retire uma, aleatoriamente.

3. Incentivar cada participante a imaginar que o que está representado na gravura realmente existe.
4. Dizer que cada um agora é responsável por cuidar de “seu ser” e solicitar que encene para o grupo como cuidaria dele.
5. Apresentar duas caixas e dizer que o ser representado na foto será dado a um homem ou a uma mulher. Pedir que cada participante coloque a figura na caixa que corresponde à situação em que o ser representado seria mais bem cuidado.
6. Solicitar que todos falem de “seu ser” e compartilhem no grupo percepções, sentimentos e ideias.

Sugestões para reflexão:

- O que você imaginou em relação ao seu ser?
- De que tipos de cuidado ele precisou?
- Que cuidado você representou na mímica?
- Foi fácil cuidar?
- É mais fácil cuidar de quê? Explique.
- É mais difícil cuidar de quê? Explique.
- O que aconteceria se o ser representado na figura não recebesse cuidados?
- Que imagens foram colocadas na caixa dos homens? E na caixa das mulheres?
- Algum tipo de imagem foi colocado com mais frequência na caixa do homem ou na caixa da mulher? Por que será?
- Homens e mulheres cuidam do mesmo modo e das mesmas coisas? Por que será?
- Os homens e as mulheres cuidam igualmente de si mesmos? Explique.
- Em uma família, de quem é a responsabilidade de cuidar da casa? E dos filhos?

OFICINA 10

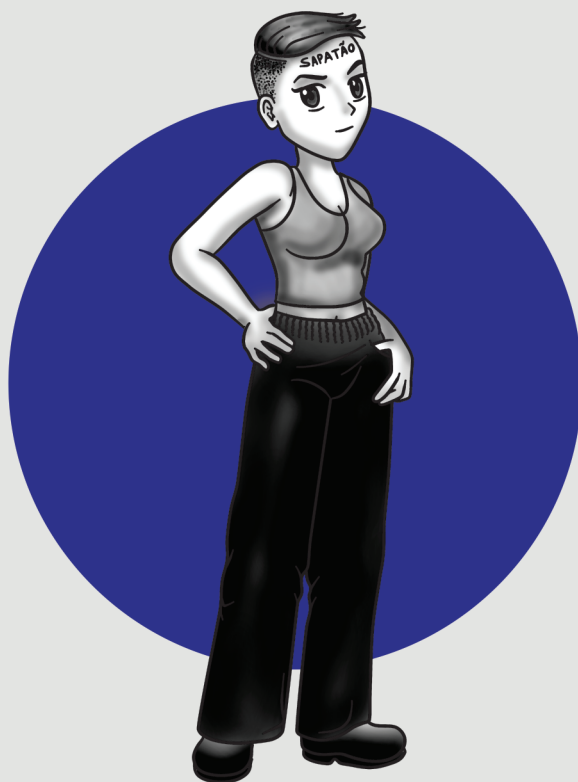
● **Identidade sexual e orientação do desejo**

(Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Compreender a diferença entre identidade sexual e orientação do desejo.
- Rever estereótipos e preconceitos, especialmente em relação aos papéis de gênero e à orientação do desejo.
- Compreender o que se entende por homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e transexualidade.

Duração: 1:30 horas



Desenvolvimento:

1. Propor ao grupo a vivência de uma situação de discriminação.
2. Explicar que cada participante receberá na testa uma etiqueta adesiva com uma palavra que represente um rótulo discriminatório que circula na sociedade. Dar um exemplo para que o grupo compreenda do que se trata.

Sugestões de rótulos: negão, bicha, boiola, sapatão, loira burra, galinha, vagabundo, puta, boazuda, solteirona, filho único, filha única, pivete, caipira, favelado, mãe solteira, viciado, filhinho de papai, beata, menino de rua, bobão, etc.

3. Deixar que a discussão se prolongue por tempo suficiente para que as pessoas sintam o efeito do rótulo ou até deduzam que rótulo receberam.

4. Solicitar que todos retirem os rótulos e abrir espaço para que os participantes expressem o que sentiram e perceberam.

5. Explicar, com o apoio de cartazes, o sentido dos termos estereótipo, preconceito e discriminação.

6. Fazer uma exposição breve sobre o tratamento que a homossexualidade recebeu ao longo dos tempos: primeiro, foi considerada pecado pela religião; depois, quando a sexualidade passou a ser controlada pela ciência, em especial pela medicina, passou a ser vista como doença, anormalidade e, por fim, na década de 1970, a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da classificação das enfermidades. Apesar dessa mudança, existem muitos preconceitos em relação às pessoas que têm orientação homossexual ou bissexual.

7. Esclarecer também o significado dos vários termos relacionados às identidades de gênero: transexualidade (fenômeno de formação da identidade, que leva a pessoa de um sexo biológico a se sentir como do outro e a desejar apagar no próprio corpo os sinais do sexo biológico); hermafroditismo (fenômeno biológico, que determina a coexistência de características anatômicas dos dois sexos em um mesmo indivíduo por razões genéticas); travestismo (prazer em se vestir e comportar de acordo com os modelos estabelecidos para o sexo que não lhe é próprio do ponto de vista biológico); drag queens e drag kings ou transformistas, que parodiam atualmente o estereótipo do gênero com intenções artísticas.

8. Ressaltar que nem todo homem homossexual tem traços femininos e nem toda mulher homossexual tem traços masculinos. Por outro lado, esclarecer que existem rapazes heterossexuais que são meigos e sensíveis, características consideradas femininas, e moças heterossexuais que são agressivas e decididas, características consideradas masculinas. Enfatizar que os papéis de gênero (atividades profissionais, comportamentos, atitudes) são construídos socialmente.

9. Convidar os participantes a trazer as discussões para o plano pessoal e cotidiano, respondendo e compartilhando com o grupo a sua resposta para a seguinte pergunta: Você já se sentiu agredido (agressão física, crítica verbal, exposição ao ridículo, tratamento não igualitário, exclusão silenciosa) por causa de alguma característica pessoal? Compartilhe no

grupo o que aconteceu, como, onde, por quê e como você reagiu. Explique também como gostaria de ter sido tratado na situação.

10. Explicar que mudar de atitude e comportamento não é fácil, mesmo quando já sabemos nossa maneira de sentir, pensar e agir não é adequada ou justa. Dizer que uma forma de mudar a nós mesmos é ouvir os outros, pensar coletivamente em alternativas de transformação, a começar no “nosso próprio quintal”.

11. Propor que os participantes identifiquem comportamentos e atitudes preconceituosas e discriminatórias que eles mesmos adotam na convivência do dia-a-dia, dentro e fora do grupo.

Sugestões para reflexão:

- Para você, o que significa ser normal, em relação à sexualidade? Com que critério se define a normalidade?
- Você acha que as pessoas têm direito de ser elas mesmas, de viver de acordo com suas próprias inclinações sexuais? Há algum limite para isso? Que comportamentos sexuais você considera inadmissíveis?
- O objetivo da educação sexual é promover a vivência de uma sexualidade que favoreça e proteja a vida, seja livre de culpa no plano pessoal e livre de opressão no plano social. O que significa para você essa afirmativa? Você concorda com ela?
- Muitas vezes, a avaliação moral das mulheres se reduz ao julgamento de seu comportamento sexual. Você acha que isso de fato acontece? Acha que deveria ser diferente? Por quê?

OFICINA 11

● Métodos contraceptivos

(Adaptada²⁸)

Objetivo:

- Saber o que são métodos anticoncepcionais.
- Identificar os métodos anticoncepcionais disponíveis.
- Conhecer o modo correto de usar os diferentes métodos anticoncepcionais e os cuidados necessários.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Escrever no quadro o título Métodos Anticoncepcionais.
2. Solicitar que os participantes listem, abaixo do título, os nomes dos métodos que conhecem.
3. Distribuir tiras de papel e solicitar que os participantes registrem perguntas sobre o que gostariam de saber sobre os métodos e as coloquem na "Caixinha de Grilos".

4. Explicar que, depois das explicações gerais sobre os métodos, serão lidas as perguntas da “Caixinha de Grilos” para verificar se alguma delas ainda ficou sem resposta.
5. Estimular os participantes a dizerem o que entendem por método anticonceptivo.
6. Retificar, ratificar ou complementar as informações, completando a lista feita no painel, caso ela esteja incompleta, e classificando os métodos anticonceptivos (métodos de barreira, comportamentais, hormonais, dispositivos intra-uterinos e métodos cirúrgicos).
7. Usar desenhos dos órgãos reprodutores para mostrar como atuam os diferentes tipos de métodos.
8. Apresentar os métodos um a um, mostrando em desenhos e modelos tridimensionais como devem ser usados, os cuidados necessários, a eficácia no uso correto. Levar amostras dos vários métodos para que os participantes possam manipulá-los e se familiarizar com eles.
9. Demonstrar, usando modelos tridimensionais (pênis e pélvis), se disponíveis, como são colocadas as camisinhas masculina e feminina.
10. Ao final da exposição, abrir a “Caixinha de Grilos”, ler as perguntas e, se necessário, responder àquelas que não tiverem sido respondidas com as explicações anteriores.
11. Dar oportunidade para que o grupo tire outras dúvidas que, eventualmente, tenham surgido durante a exposição.

OFICINA 12

● **Passa para frente o que você sabe**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Conhecer o modo correto de usar os diferentes métodos anticoncepcionais e os cuidados necessários.
- Reconhecer como direito de todos o acesso à informação, à escolha e ao uso de métodos anticoncepcionais.

Duração: 1:30 horas



Desenvolvimento:

1. Dividir os(as) estudantes em quatro grupos, distribuir textos explicativos sobre os métodos anticoncepcionais e amostras desses métodos, e solicitar que cada grupo se prepare para apresentar um ou alguns dos métodos de acordo com as técnicas abaixo.

• **Grupo 1** – Você é um Agente de Saúde e foi convidado para ir a um programa de entrevistas na televisão para esclarecer o público sobre o **DIU** e os **métodos cirúrgicos de anticoncepção**. Trata-se de um programa ao vivo e, além do apresentador, o público (serão os adolescentes dos demais

grupos) poderá fazer perguntas sobre os métodos.

• **Grupo 2** – Você é representante de um laboratório que produz **diafragmas, espermicidas** e métodos contraceptivos hormonais. Prepare um cartaz explicativo sobre seus produtos e apresente-o para seus colegas.

• **Grupo 3** – Em sua escola você é encarregado de promover um bate-papo com adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. Esta semana o tema deste bate-papo será a **tabelinha**, o **Billings** e a **temperatura basal**. Prepare-se para conduzir esse bate-papo.

• **Grupo 4** – Você foi convidado para promover um debate sobre o **coito interrompido** e os **preservativos** ou **camisinhas** (masculina e feminina). Prepare uma introdução para o debate, explicando as características de cada método.

2. Esclarecer que cada grupo deverá incluir na apresentação informações sobre

- a. o que é o método e como impede a gravidez;
- b. como se usa;
- c. acompanhamentos necessários;
- d. eficácia no uso correto e no uso irregular ou incorreto.

3. Organizar as apresentações dos grupos, deixando tempo depois de cada uma delas para que dúvidas e equívocos sejam esclarecidos pelos espectadores ou pelo facilitador, quando ninguém do grupo puder fazê-lo.

4. Fazer uma exposição breve sobre os direitos sexuais e reprodutivos, mostrando que, dentre esses direitos, está o de escolher se queremos ter filhos, quantos filhos queremos ter e quando. Por isso, o acesso à informação e aos métodos tem de ser assegurado a todos, inclusive aos adolescentes.

5. Levar o grupo a perceber que deve fazer parte do conhecimento a compreensão dos cuidados a serem tomados em relação a cada método.

Sugestões para reflexão:

- Que fatores podem facilitar o uso de métodos anticoncepcionais pelos (as) adolescentes?
- E que fatores podem dificultar o uso desses métodos?
- Que serviços a Unidade de Saúde Pública de seu bairro oferece aos adolescentes em relação à anticoncepção?

OFICINA 13

● **Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST**

(Adaptada²⁵)

Objetivo:

- Compreender como se dá a transmissão das ISTs e do HIV.
- Corrigir e ampliar informações sobre as ISTs e a Aids.
- Refletir sobre a importância de negociar com o(a) parceiro(a) o uso do preservativo.
- Dispor-se a adotar práticas de sexo protegido.

Duração: 50 minutos



Desenvolvimento:

1. Convidar o grupo a participar de uma atividade de aquecimento e integração.
2. Distribuir cartões com desenhos de figuras geométricas, considerando para cada conjunto de dez participantes a seguinte proporção:

- a. 1 com o desenho de um triângulo;
 - b. 2 com desenhos de pequenos quadrados;
 - c. 7 com desenhos de círculos;
 - d. 2 com desenhos de pequenos quadrados;
 - e. 7 com desenhos de círculos.
 - f. 3 com desenhos de círculos e estrelas.
3. Entregar aleatoriamente a um dos participantes um cartão com a instrução: Não participe. Permaneça sentado até o final da atividade.
4. Explicar que será colocada uma música e que todos dançarão livremente pela sala, integrando-se à vontade com os colegas e que, sempre que a música parar, cada um deverá copiar rapidamente em seu cartão o desenho original dos (as) colegas mais próximos(as). Assim que a música reiniciar, todos voltarão a dançar.
5. Os desenhos têm os significados a seguir, o que não deve ser revelado aos participantes até o final da atividade.
- a. Círculo = pessoa sadia
 - b. Quadrado = portador de IST
 - c. Triângulo = portador de HIV
 - d. Estrela = camisinha
6. Repetir o processo de interromper e reiniciar a música pelo menos 4 vezes.
7. Solicitar que todos os participantes se assentem em círculo, perguntar-lhes se têm ideia do significado das figuras e pedir que observem quantas figuras têm nesse momento em seu cartão.
8. Pedir que se levantem todas as pessoas que tiverem triângulos desenhados em seus cartões. Revelar o significado do triângulo. Fazer o mesmo com relação aos que têm quadrados. Revelar o significado da estrela e pedir que se assentem aqueles cujo cartão tinha originalmente o círculo e a estrela. Explicar que esses, por terem usado a camisinha, não contraíram nenhuma doença sexualmente transmissível. Pedir que se manifeste também quem recebeu o cartão com a frase com a indicação de que deveria permanecer sentado.

Sugestões para reflexão:

- Como se sentiu quem recebeu o comando de ficar fora da brincadeira?
- E os outros, como se comportaram em relação a essa pessoa?

- Quando ficaram sabendo o significado do triângulo, como se sentiram as pessoas que tinham no cartão inicial esse desenho?
- Como as outras pessoas se sentiram em relação às pessoas que tinham o triângulo?
- As pessoas que tinham triângulos não sabiam que estavam contaminadas. Como poderiam saber?
- Qual foi o sentimento experimentado quando ficaram sabendo que a estrela significava uso do preservativo?
- Quantos participantes começaram o jogo com círculos?
- Quantos terminaram sem triângulo e sem quadrado?
- O que significa ter mais de um quadrado ou mais de um triângulo no cartão?
- Como se dá a rede de transmissão sexual do HIV e das ISTs?
- É possível saber, pela aparência, quem é portador de IST ou de HIV?
- Como fazer para se proteger da transmissão sexual?
- O que posso fazer para me tornar menos vulnerável às ISTs e à Aids?
- ◆ Explicar ao grupo que, sendo o preservativo a forma mais importante de praticar sexo protegido, então temos de saber que cuidados tomar antes, na hora e depois de usá-lo, especialmente o preservativo masculino.
- ◆ Conversar com o grupo sobre os cuidados ao comprar o preservativo (escolher produto com garantia de qualidade do Inmetro, que esteja dentro do prazo de validade e seja de tamanho adequado) e ao guardar o preservativo (não deixá-lo em lugar onde sofra atrito, que seja muito quente).

CAPÍTULO 6

A temática não se
esgota por aqui...



“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

CAPÍTULO 6

A temática não se esgota por aqui...

A gravidez na adolescência foi o recorte proposto neste e-book, porém, são muitos os assuntos envolvidos na educação sexual, por isso, com o intuito de contribuir para o enriquecimento da temática, são propostas fontes com informações que possibilitem ampliar os conhecimentos sobre o assunto e facilitar o diálogo com os (as) estudantes.



LIVROS:

- ▶ CATHARINO, T. R. **Da gestão dos riscos à invenção do futuro:** Um outro olhar sobre a gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- ▶ LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- ▶ NUNES, C.; SILVA, E. **Sexualidade(s) Adolescente(s).** Florianópolis: SOPHOS, 2001.
- ▶ SARAN, R.C.B.; LEITE, C.R.V.S. **Sexualidade do adolescente na voz do professor do Ensino Médio:** Uma abordagem Foucaultiana. Curitiba: Editora Crv, 2014.
- ▶ VASCONCELOS, C. **Sexualidade:** Um Guia de Viagem Para Adolescentes. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2002.

GUIAS PRÁTICOS

Departamento Científico de Adolescência – Sociedade Brasileira de Pediatria SBP

▶ Abstinência sexual na Adolescência: o que a ciência evidencia como método de escolha para prevenção de gravidez na adolescência.

Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22302c-DocCient - Abstinencia sexual na Adolesc.pdf

▶ Infecções Sexualmente Transmissíveis na Adolescência. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21188b-GPA - Infec Sexual Transmiss Adolesc.pdf

▶ Prevenção da gravidez na adolescência.

Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Adolescencia - 21621c-GPA - Prevencao Gravidez Adolescencia.pdf

DOCUMENTOS ACADÊMICOS

- ▶ LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>.
- ▶ LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, n. 46, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46.pdf>.
- ▶ MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, n. 46, p. 219-239, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a09n46.pdf>.
- ▶ POCAHY, Fernando Altair; NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 45-66, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a04v15n1.pdf>.
- ▶ ROSEMBERG, Fúlvia; MOURA, Neide Cardoso de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisas**, v. 39, n. 137, p. 489-519, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a09.pdf>.
- ▶ WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>.

SITES:

- ▶ <https://www.sbp.com.br/especiais/prevencaonagravidez/>
- ▶ http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=42
- ▶ <http://www.abc.med.br/p/gravidez/336034/a+gravidez+desejada+e+a+nao+desejada.htm>
- ▶ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120627_gravidez_savet_hechildren_dg
- ▶ <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/>

FILMES

► A cor púrpura

Direção: Steven Spielberg

Sinopse: Geórgia, 1909. Em uma pequena cidade Celie (Whoopi Goldberg), uma jovem com apenas 14 anos que foi violentada pelo pai, se torna mãe de duas crianças. Além de perder a capacidade de procriar, Celie imediatamente é separada dos filhos. Celie fica muito solitária e compartilha sua tristeza em cartas (a única forma de manter a sanidade em um mundo onde poucos a ouvem), primeiramente com Deus e depois com a irmã Nettie (Akosua Busia), missionária na África.

Título Original: The Color Purple. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 156 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1985.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/cor-purpura/copurpura.asp#Sinopse>

► Cidade dos homens

Direção: Paulo Morelli

Sinopse: Laranjinha (Darlan Cunha) e Acerola (Douglas Silva) são amigos que cresceram juntos em uma favela do Rio de Janeiro e agora estão com 18 anos. Acerola tem um filho de 2 anos para cuidar, mas sente-se preso pelo casamento e lamenta a paternidade precoce. Já Laranjinha está decidido a encontrar seu próprio pai, que não conhece. Paralelamente o morro em que vivem é sacudido pelo mundo do tráfico, já que Madrugadão (Jonathan Haagensen), primo de Laranjinha, perdeu o posto de dono do local para Nefasto (Eduardo BR). Título Original: Cidade dos Homens. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 110 minutos. Ano de Lançamento (Brasil): 2007. Site Oficial: www.cidadedoshomens.com.br

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/cidade-dos-homens/cidade-doshomens.asp#Sinopse>

► Kids

Direção: Larry Clark

Sinopse: Nova York serve de cenário para mostrar o conturbado mundo dos adolescentes, que indiscriminadamente consomem drogas e quase nunca praticam sexo seguro. Um garoto, que deseja só transar com virgens, e uma jovem, que só teve um parceiro mas é HIV soropositivo, servem de base para tramas paralelas, que mostram como um adolescente pode prejudicar seriamente sua vida se não estiver bem orientado.

Título Original: Kids. Gênero: Drama. Tempo de Duração: 96 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 1995.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/kids/kids.asp#Sinopse>

► Juno

Direção: Jason Reitman

Sinopse: Juno MacGuff (Ellen Page) é uma jovem de 16 anos que acidentalmente engravidou de Paulie Bleeker (Michael Cera), um grande amigo com quem transou apenas uma vez. Inicialmente ela decide fazer um aborto, mas ao chegar na clínica muda de ideia. Junto com sua amiga Leah (Olivia Thirlby) ela passa a procurar em jornais um casal a quem possa entregar o bebê assim que ele nascer, já que não se considera em condições de criá-lo. É assim que conhece Vanessa (Jennifer Garner) e Mark (Jason Bateman), um casal com boas condições financeiras que está disposto a bancar todas as despesas médicas de Juno, além de dar-lhe uma compensação financeira caso ela queira. Juno recusa o dinheiro para si, mas decide que Vanessa e Mark ficarão com seu filho.

Gênero: Comédia, drama. Tempo de duração: 91 minutos. Ano de produção: 2007. Paris Filmes.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-121167/>

► Minha vida em cor de rosa

Direção: Alain Berliner

Sinopse: O filho de um funcionário de classe média, Ludovic, aparece na primeira festa para os vizinhos vestido de mulher. O que parecia uma brincadeira torna-se um problema na família, no trabalho e com os vizinhos. Mas Ludovic, com ingenuidade de criança, confessa que quer ser menina.

Ano de Lançamento (Bélgica/França): 1997. Título Original: Ma Vie en Rose.

Fonte: <http://www.escutaanalitica.com.br/cursos/cinedebate.htm>

► O Que Esperar Quando Você Está Esperando

Direção: Kirk Jones

Sinopse: Holly (Jennifer Lopez) é uma fotógrafa casada com Alex (Rodrigo Santoro) e quer muito adotar uma criança. Ele concorda com a ideia, mas a proximidade de receber o bebê faz com que tenha dúvidas se está preparado para a tarefa de ser pai. Wendy (Elizabeth Banks) sempre sonhou com a gestação e, após dois anos de tentativas, enfim está grávida. Entretanto, ela e o marido Gary (Ben Falcone) precisam lidar com a rivalidade do pai dele, Ramsey (Dennis Quaid), que está esperando gêmeos com a jovem Skyler (Brooklyn Decker).

Título original: What To Expect When You're Expecting. Gênero: Comédia romântica. Tempo de duração: 110 minutos.

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-193517/>

► Os Garotos da Minha Vida

Direção: Penny Marshal

Sinopse: Nos anos 60, Beverly D'Onofrio (Drew Barrymore) é uma garota que vive em uma cidade do interior dos Estados Unidos e sonha em chegar à universidade e tornar-se uma escritora. Porém, seus planos são subitamente interrompidos quando, aos 15 anos, ela fica grávida de Ray Murphy (Steve Zahn), um motoqueiro que conheceu há apenas poucas semanas. Com medo de que sua filha se tornasse mãe solteira, os pais de Beverly a obrigam a se casar com Ray e abandonar os estudos para cuidar da criança. Mas Beverly não desiste de seu sonho e, após enfrentar alguns obstáculos, busca enfim realizá-lo.

Título original: Riding in cars with boys. Gênero: Comédia dramática. Tempo de duração: 122 minutos. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-28248/>

► Preciosa – Uma História de Esperança

Direção: Lee Daniels

Sinopse: 1987, Nova York, bairro do Harlem. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. Preciosa tem um filho apelidado de "Mongo", por ser portador de síndrome de Down, que está sob os cuidados da avó. Quando engravida pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A Sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

Título original - Precious: Based on the Novel 'Push' by Sapphire. Gênero: Drama. Tempo de duração: 109 minutos. Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-132242/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educação sexual:
Possível?



“É preciso ter esperança,
mas ter esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás,
esperançar é construir, esperançar é não desistir!”

Paulo Freire

Educação Sexual: Possível?

Mesmo não sendo uma tarefa fácil, pelos diversos motivos já citados, é fundamental, enquanto educadores (as), que acreditemos na resposta afirmativa para essa questão.

É possível e mais do que isso, é essencial, o desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar.

Prezados colegas professores e prezadas colegas professoras, que jamais percamos nossa capacidade de sonhar e acreditar em dias melhores...

Que jamais deixemos de crer no potencial transformador da educação...

Que sejamos semeadores de amor e que possamos continuar, através de nossa missão, semeando esperança em nossos alunos e alunas.

Ainda que nossa contribuição seja uma gotinha comparada ao oceano... Que acreditemos que essa gotinha unida a uma outra gotinha, e mais uma... E outra... Possa fazer transbordar o copo da nossa humanidade e que juntos possamos construir um mundo mais fraterno e justo...

Abraços!

Laura Medeiros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 22 abr. 2019.
2. UNFPA. **Maternidade precoce**: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência. New York: UNFPA [arquivo na internet]. 2013. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/swop2013.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.
3. ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281 - 315, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019
4. MAGNABOSCO, L.; LORSCHIEDER, C. A. A prevenção da Gravidez Aliada ao Ensino de Biologia no Ensino Médio. In.: PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Dia a dia educação**: Portal Educacional do Estado do Paraná, Curitiba, 2016, p.01-19. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_bio_unespar-uniaodavitoria_luziamagnabosco.pdf. Acesso em 13 jan. 2019.
5. SANTOS, W. B. et al. Educação Sexual como parte curricular da disciplina de Biologia e auxílio a adolescentes: dificuldades e desafios. **Experiências em Ensino de Ciências**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 7-18, 2011. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID143/v6_n2_a2011.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.
6. MAZZA, V. A.; MELO, N. S. F. O.; CHIESA, A. M. Grupo focal como técnica de coleta de dados de pesquisa qualitativa: Relatório de experiência. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 14, n. 3, p. 183-188, Jan./ Mar. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/14486>. Acesso em: 10 Mar. 2019.
7. DAYRELL, J. (Org.). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
8. BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

9. OPAS. Organización Panamericana de la Salud. **La salud del adolescente y el joven en las Américas**. Washington, D.C., 1985.
10. CATHARINO, T. R. **Da gestão dos riscos à invenção do futuro**: Um outro olhar sobre a gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
11. DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
12. ANTOS, B. R. *et al.* **Gravidez na adolescência no Brasil**: Vozes de Meninas e de Especialistas. Brasília: INDICA, 2017. Disponível em: http://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/br_gravidez_adolescencia_2017.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.
13. WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 35 – 82.
14. LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, Campinas, v. 19, n. 2, mai. - ago. 2008.
15. MONTEIRO, S. A. S; RIBEIRO, P. R. N. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, Bahia, v. 1, p. 1-24, 2020.
16. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
17. BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018.
18. BASTAGINI, G. M. P.; SOUZA, L. C.; TEIXEIRA, L. C. Educação em sexualidades e a gravidez na educação escolar. **Revista Tópicos Educacionais**, Recife, v. 26, n.1, p. 165- 182, jan/jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
19. FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17 ed. 1987.
20. JESUS, L. C.; OLIVEIRA, S.S. Educação Sexual: a escola vista como um ambiente de discussão e reflexão sobre a sexualidade. *In*.: PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. **Dia a dia educação**: Portal Educacional do Estado do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_cien_artigo_luciana_cirino_de_jesus.pdf. Acesso em: 21 jan. 2019.

21. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de Educação Afetivo - Sexual – PEAS**. Guia de Estudo nº2. Belo Horizonte: 2007.
22. DADOORIAN, D. **Um novo olhar sobre a gravidez na adolescência**: Pronta para voar. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
23. BASTOS, G., Duarte. **Biologia no Ensino Médio**: Diferentes Abordagens Metodológicas para Adequar o Conhecimento ao Cotidiano – Enfoque sobre a Gravidez na Adolescência. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, 2015.
24. FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, jan. – dez. 2019. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1788](http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1788). Acesso em: 20 abr. 2020.
25. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Programa de Educação Afetivo – Sexual – PEAS**. Guia de Oficinas. Belo Horizonte: 2005.
26. SILVA, V. M.; SANTOS, M. C. F. **Oficinas pedagógicas: discutindo gênero e diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: CAP/UERJ, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430783/2/Oficinas%20Pedagogicas%20-%20Discutindo%20genero%20e%20diversidade%20sexual> Acesso em: 20 abr. 2020.
27. ROCHA, R. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. Col. Toda criança do mundo. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.
28. MARQUINI, M. L. **Atividades de sexualidade na escola para o aperfeiçoamento da cidadania dos alunos**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, Londrina, 2007. v.1. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_uel_cien_artigo_maria_de_lourdes_marquini.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.
29. MENINAS; Direção: Sandra Werneck. Produção de Sandra Werneck. Rio de Janeiro: Cineluz, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZlebR6hrGM>. Acesso em: 23 mar. 2020.